

**Viva a
ressur-
reição**

Viva a ressur- reição

O PRINCÍPIO DA
FORMAÇÃO
ESPIRITUAL

Eugene Peterson

TRADUZIDO POR
ROBINSON MALKOMES



Editora Mundo Cristão
São Paulo

VIVA A RESSURREIÇÃO
CATEGORIA: ESPIRITUALIDADE / VIDA CRISTÃ

Copyright © 2006 por Eugene H. Peterson
Publicado originalmente por NavPress, uma divisão de The Navigators, Colorado Springs, EUA.

Título original: Living the resurrection
Editora responsável: Sílvia Justino
Revisão de tradução: Malk Comunicação Ltda.
Revisão de provas: Theófilo Vieira
Aldo Menezes
Supervisão de produção: Lilian Melo
Colaboração: Miriam de Assis
Capa: Douglas Lucas
Imagem: Martim Pernter

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peterson, Eugene H., 1932 —

Viva a ressurreição: os princípios da formação espiritual / Eugene H. Peterson;
traduzido por Robinson Malkomes. — São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

Título original: Living the resurrection: the risen Christ in everyday life

ISBN 978-85-7325-469-3

1. Bíblia. N. T. — Evangelhos — Crítica e interpretação 2. Formação espiritual
3. Jesus Cristo — Ressurreição — Ensino bíblico 4. Vida cristã I. Título.

06-9519

CDD—248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ressurreição de Jesus e vida cristã: cristianismo 248.4

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em fevereiro de 2007.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

07 08 09 10 11 12 13

SUMÁRIO

1.	Ressurreição e fascínio	7
2.	Ressurreição, comida e bebida	43
3.	Ressurreição e amigos	79
	<i>Apêndice: Histórias da ressurreição</i>	113

RESSURREIÇÃO E FASCÍNIO

As mulheres, profundamente maravilhadas e cheias de alegria, não perderam tempo e logo saíram do túmulo. E correram para contar tudo aos discípulos. Mas Jesus as encontrou e as fez parar. E disse: “Bom dia!” Elas caíram de joelhos, abraçaram-lhe os pés e o adoraram.
(Mt 28:8-9, MSG)

SEMPRE GOSTEI DE como Billy Sunday formulava seu conceito de vida cristã ideal. Ele foi um dos maiores evangelistas americanos e pregava para grandes massas. Cem anos atrás, ele cruzava os Estados Unidos com seu grandioso espetáculo de avivamento que atraía enormes multidões. Ex-jogador de beisebol, ocupava o púlpito com o mesmo desembaraço de um atleta; noite após noite, seus sermões eram como grandes jogadas e lances de craque em suas gigantescas tendas de avivamento. Uma das marcas registradas dessas tendas era a trilha de serragem. O amplo corredor que ia da entrada da tenda até o púlpito onde ele pregava era recoberto por alguns centímetros de serragem. Isso ajudava a baixar a poeira nos dias secos e diminuía o barro nos dias de chuva. E a serragem formava uma trilha que passava por várias fileiras de cadeiras dobráveis em direção ao altar na parte da frente da tenda,

logo abaixo do púlpito. Na hora da conclusão do sermão, Billy Sunday fazia seu famoso “apelo do altar”, convidando homens e mulheres que tinham ido à tenda naquela noite para saírem das cadeiras onde estavam, pegarem a trilha de serragem em direção ao altar e ali, de joelhos, entregarem a vida a Cristo. A expressão *hitting the sawdust trail* (pegar a trilha de serragem) entrou para o vocabulário do inglês norte-americano como sinônimo de arrependimento e conversão.

A EXPRESSÃO PERFEITA

Eu não sei se a expressão “pegar a trilha de serragem” foi inventada por Billy Sunday, mas é certo que foi ele que a consagrou na língua inglesa. A expressão que ele sempre repetia para referir-se à vida cristã ideal era a seguinte: “Pegue a trilha de serragem, dobre os joelhos e receba Cristo como seu Salvador. Em seguida, saia daqui para a rua, seja atropelado por uma carreta e vá direto para o céu”.

Acho que dá para concordar que essa é uma fórmula perfeita para chegar ao céu de um jeito bem rápido e fácil. E praticamente infalível. Não há tempo para desviar-se da fé, não há tentação para atrapalhar, dúvidas com as quais lutar, marido ou esposa para honrar, filhos para aturar, inimigos para amar, nem tristeza, nem lágrimas. É a eternidade num estalar de dedos.

Billy Sunday é um exemplo extremo e mais ou menos típico da mentalidade norte-americana nesses assuntos: faça direito, mas faça o mais rápido possível. Estabeleça seus objetivos e vá em busca deles pelos meios mais eficientes e

econômicos. Como cultura, somos especialistas em começar. Estabelecemos objetivos magníficos. Mas não somos extraordinários em dar sequência. Quando as coisas começam a dar errado, simplesmente começamos tudo de novo, já que somos bons nisso. Ou fixamos um novo objetivo, uma nova “visão” ou, como chamamos, uma nova “declaração de missão”. E durante algum tempo isso nos distrai do que está acontecendo bem debaixo do nosso nariz.

O QUE A IGREJA EXCLUI

Parafraseando algo que o papa João Paulo II disse certa vez, ao dirigir-se a um grupo de líderes de países do Terceiro Mundo: Não procurem nas nações ocidentais um modelo de desenvolvimento. Eles sabem fazer as coisas, mas não sabem conviver com elas. Atingiram um nível tecnológico impressionante, mas esqueceram como os filhos devem ser criados.

É este o contexto deste livro. Um contexto cultural em que a pessoa é bastante desprezada no meio da correria para conseguir ou para fazer alguma coisa. Uma importante tarefa da igreja cristã é formar pessoas por meio do Espírito Santo, até que elas cheguem “à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:13). Mas geralmente é uma tarefa negligenciada. Temos várias programações para cuidar disso, mas elas sempre estão na periferia de alguma outra coisa. A formação espiritual recebe muito mais atenção no mundo secular da espiritualidade da Nova Era ou do desenvolvimento psicológico do que na igreja. E por mais louvável que seja a atenção dada pelos mestres

e guias deste mundo, eles estão tentando fazer tudo isso sem Jesus Cristo ou colocando Jesus apenas como elemento periférico. Portanto, estão deixando de fora o que é mais importante, a saber, a ressurreição.

Tenho certeza de que a igreja é a comunidade que Deus colocou no centro do mundo para manter o mundo centrado. Um dos aspectos essenciais dessa tarefa de manter o mundo centrado chama-se formação espiritual — a formação da vida de Cristo em nós, processo que dura a vida inteira. Ela consiste no que acontece entre o momento em que tomamos consciência da nossa identidade como cristãos e aceitamos essa identidade e o momento em que nos sentarmos para a “ceia das bodas do Cordeiro” (Ap 19:9). Ocupa-se do modo como vivemos no período que vai entre o dobrar os joelhos no altar e o ser atropelado pela carreta.

Levanto esse assunto com considerável sentimento de urgência, não apenas porque a cultura que nos cerca tem secularizado amplamente a formação espiritual, mas também porque a igreja em que vivo, e para a qual fui chamado a falar e escrever, está, nesse assunto, cada vez mais se tornando como a cultura, em vez de se colocar contra ela. O enorme interesse de hoje na “espiritualidade” não tem sido muito acompanhado, se é que o tem, por um interesse na questão da formação em Cristo, um processo longo, complexo e diário — ou seja, a prática de disposições e hábitos do coração que fazem a palavra *espiritualidade* deixar de ser um desejo, um anseio, uma fantasia ou uma digressão e venha a se transformar em vida real vivida para a glória de Deus. Uma expressão de um poema de Wendell Berry

romancista, ensaísta e filósofo americano, traduz bem o que estamos falando — “ressurreição na prática”. Este livro está fundamentado na ressurreição de Jesus.

A RESSURREIÇÃO RESTAURADA AO CENTRO

Vivemos a vida cristã a partir de uma rica tradição de formação-via-ressurreição. A ressurreição de Jesus fornece a energia e as condições pelas quais andamos “na presença do SENHOR, na terra dos viventes” — conforme a ilustre expressão do salmo (116:9). A ressurreição de Jesus cria e oferece a realidade na qual somos formados como novas criaturas em Cristo por meio do Espírito Santo. A cultura do faça-você-mesmo e do *self-service* tem dominado o nosso pensamento de forma tão cabal, que em condições normais não damos atenção à coisa mais importante de todas — a ressurreição. E isso acontece porque a ressurreição não é algo que podemos usar, controlar, manipular nem aperfeiçoar. É interessante que o mundo tenha tido tão pouco sucesso ao tentar comercializar a Páscoa — transformando-a numa *commodity*, um bem de valor econômico — ao contrário do que acontece com o Natal. Se não conseguimos entender alguma coisa nem mesmo usá-la, logo perdemos o interesse. Mas a ressurreição não é algo que está à disposição para ser usado por nós. É uma operação exclusiva de Deus.

O que pretendo fazer é restaurar a ressurreição ao centro e abraçar as tradições que dela advêm para nossa formação. Vou tratar de três aspectos da ressurreição de Jesus que nos definem e nos dão energia quando passamos a

viver a “ressurreição na prática”. Em seguida, farei um contraste entre essa vivência da ressurreição a partir da realidade e das condições da ressurreição de Jesus e aquilo que julgo serem os hábitos ou pressupostos culturais mais comuns que nos levam a perder consciência da ressurreição ou que nos desviam dela. A isso darei o nome de “destruição da ressurreição”. No final, apresentarei algumas sugestões sobre o que faz parte da “ressurreição na prática”: o ato de viver a vida de forma adequada e sensível num mundo onde Cristo ressuscitou e está vivo.

REVERÊNCIA E INTIMIDADE: UMA NÃO ANDA SEM A OUTRA

Os autores dos quatro evangelhos concluem o relato que fazem do evangelho de Jesus com uma ou mais histórias da ressurreição. Eles chegam a esse ponto por vias diversas e fornecem dados diferentes, mas há um elemento que não falta em nenhuma dessas histórias: a sensação de fascínio, perplexidade, surpresa. Apesar das várias dicas espalhadas pelas Escrituras hebraicas e mesmo depois de Jesus ter feito três previsões explícitas de sua ressurreição (veja Mc 8:31; 9:31; 10:34), quando ela aconteceu ninguém esperava aquilo. Ninguém mesmo. As primeiras pessoas às voltas com a ressurreição de Jesus estavam cuidando de assuntos que envolviam a sua morte. De repente, elas se vêem obrigadas a fazer uma mudança de 180 graus e começar a cuidar de assuntos pertinentes à vida. E no meio disso tudo elas ficaram totalmente fascinadas.

Mateus apresenta-nos Maria Madalena e uma mulher que ele chama de “a outra Maria”. No domingo logo cedo, elas vão fazer uma visita ao túmulo onde, na sexta-feira de tarde, tinham visto José de Arimatéia colocar o corpo crucificado de Jesus (veja 28:1-10). Quando chegam ao túmulo, de repente o chão começa a tremer debaixo de seus pés — era um terremoto. Na seqüência, vêem o brilho de um relâmpago, que na verdade era um anjo. Essa mistura de terremoto com relâmpago faz os soldados romanos, que tomavam conta do túmulo, abandonarem o plantão. Assustados e sem entender nada do que estava acontecendo, eles desmaiam e ficam ali, esparramados pelo chão.

Mas as duas Marias estão ali de pé e ouvem o anjo, que lhes fala duas coisas: “Não temais” e “[ele] ressuscitou” (v. 5-6). Em seguida, o anjo lhes dá um recado que devem levar aos discípulos. Então, elas vão embora do túmulo, obedecendo à ordem do anjo. Profundamente fascinadas e tomadas de alegria, saem correndo para contar a novidade aos discípulos. Mas são obrigadas a parar ao ouvir alguém que as cumprimenta: “Bom dia!” (v. 9, MSG). E, notando um tom de cordialidade no cumprimento, caem de joelhos diante do Jesus ressurreto. A primeira reação diante do Cristo ressurreto foi cair de joelhos em atitude de temor e reverência. Mas também houve certa dose de intimidade naquela reação, pois elas se atreveram a abraçar-lhe os pés e “o adoraram” (v. 9).

Juntos, esses dois elementos transformam-se em adoração. Ficar de joelhos diante de Jesus — uma expressão de reverência — não é em si mesmo adoração motivada pela

ressurreição. Tocar e abraçar os pés de Jesus — uma expressão de intimidade — não é em si mesmo adoração motivada pela ressurreição. Reverência e intimidade não andam uma sem a outra. A reverência precisa banhar-se nas águas da intimidade, para que não se transforme num elemento estético frio e desligado da realidade. A intimidade precisa mergulhar nas águas da reverência, para que não se transforme em emoção eufórica. Aquelas mulheres sabiam o que estavam fazendo: elas estavam em contato com Deus na presença do Jesus vivo; por isso o adoraram.

Então, Jesus confirma o que o anjo já tinha falado: “Não temais”; e repete o recado que devia ser dado aos discípulos. E isso foi tudo.

Eu adoro observar a diferença entre aqueles soldados romanos — insensíveis e esparramados no chão, paralisados pelo medo — e aquelas duas mulheres exuberantes, de joelhos sobre o mesmo chão, energizadas pelo medo. Nos dois casos a palavra é a mesma — *medo*. Mas não é a mesma coisa. Há um medo que nos torna incapazes de estar em contato com Deus; e há um medo que nos resgata da preocupação com nós mesmos, com nossos sentimentos e com nossas circunstâncias e nos coloca num mundo que nos deixa fascinados. É um medo que nos resgata de nós mesmos e nos coloca na esfera de ação do próprio Deus.

UMA PERPLEXIDADE ESMAGADORA

Marcos acrescenta outra mulher — Salomé — ao relato que Mateus faz das duas Marias na visita ao túmulo no domingo cedo, adicionando alguns detalhes que aumentam a

sensação de fascínio motivado pela ressurreição (veja 16:1-8). Marcos nos informa que as três mulheres estão se dirigindo ao túmulo preparadas para cumprir uma tarefa: embalsamar o corpo de Jesus com essências aromáticas. Mas havia um problema que as preocupava pelo caminho: como entrariam no túmulo para realizar o trabalho? A entrada estava fechada por uma enorme pedra que havia sido rolada até ali, e elas jamais conseguiriam movê-la. Quando porém chegaram, descobriram que a pedra já havia sido tirada. Que surpresa! Elas achavam que teriam de resolver um problemão, mas o problemão já havia sido resolvido. Foram com a expectativa de realizar uma tarefa importante e até essencial, mas não havia mais nenhuma tarefa para ser realizada.

E elas ficam ainda mais surpresas quando entram no túmulo e encontram um jovem — supomos que fosse um anjo — que estava ali sentado e pronto para conversar com elas. Aquelas mulheres ficam “totalmente desconcertadas, perplexas” (v. 5, MSG). Aliás, quem não ficaria? Mas ele as tranqüiliza, conta-lhes que Jesus ressuscitou e lhes dá o recado que deveriam entregar aos discípulos.

Em seu final abrupto e conciso, Marcos ressalta a esmagadora perplexidade vivida pelas três mulheres. Elas estavam “fora de si, com a cabeça rodando”. Estavam “atoroadas” e “não disseram nada a ninguém” (v. 8, MSG). Na realidade, estavam fascinadas com a ressurreição.

LEMBRANDO AS PALAVRAS DE JESUS

Lucas inclui algumas mulheres anônimas com as duas Marias e Salomé nessa primeira cena da ressurreição (veja

24:1-12). Essas mulheres anônimas eram as que “tinham vindo da Galiléia com Jesus” (23:55) e também são chamadas “as mulheres” (24:1, MSG) e “as demais” (v. 10). Elas entram em cena trazendo as essências aromáticas que iriam usar para preparar o corpo de Jesus. Mas, é lógico, não há nenhum corpo. E elas ficam “confusas” (v. 4, MSG), coçam a cabeça e procuram ali em volta. Será que estamos no túmulo certo? Na sexta-feira de tarde, elas tinham estado bem ali e visto José de Arimatéia colocar o corpo de Jesus lá dentro. Então passaram o sábado juntando as essências aromáticas e os óleos. Àquela altura, já haviam gastado horas preparando tudo para esse ato de devoção e de amor pela pessoa que havia significado tanto para elas e pela qual estavam de luto. E agora mais essa! *Afinal de contas, o que é que está acontecendo por aqui?*

Então, de repente, aparecem dois homens na frente delas. Luzes brilhantes precipitam-se em cascata de suas roupas. Só podiam ser anjos. Completamente apavoradas, as mulheres caem com o rosto em terra. Os dois homens no túmulo as tranquilizam, dizendo: “Por que vocês estão procurando num cemitério aquele que está vivo? Ele não está aqui, mas ressuscitou. Lembram-se de como ele lhes disse ainda na Galiléia que precisava ser entregue aos pecadores, morrer numa cruz e ressuscitar depois de três dias?” (v. 5-7, MSG).

Claro, aquelas mulheres se lembravam. Já haviam escutado essas palavras. Mas nem em sonho podiam imaginar que aquilo fosse acontecer ainda durante esta vida. Dá para entender por que elas estão desnorteadas. Mas as

palavras objetivas daqueles dois homens colocam-nas novamente dentro da realidade objetiva. Elas se lembram de onde haviam estado — as estradas na Galiléia, as conversas e as refeições que haviam feito eram reais. Elas se lembram do que haviam testemunhado há tão pouco tempo — uma crucificação excruciante em Jerusalém. E se lembram das palavras de Jesus — palavras que elas mesmas haviam escutado. Como podiam se esquecer de tudo aquilo?

As mulheres se lembram. Não, elas não haviam ficado loucas. Por isso, logo se refazem e voltam para contar tudo aos discípulos. Mas não conseguiram fazer os discípulos acreditarem no que elas sabiam e haviam vivido. Os discípulos descartam o relato das mulheres como se fosse coisa de quem está delirando. Eles não acreditam numa palavra sequer e pensam que elas estão inventando tudo aquilo.

A NATUREZA DO FASCÍNIO

Não é simples explicar para outra pessoa o que é fascínio, ainda mais quando a pessoa está fascinada e maravilhada com a ressurreição. Por sua própria natureza, o fascínio é algo que nos pega desprevenidos e está acima de qualquer expectativa ou suposição. E não pode ser colocado dentro de um esquema nem explicado. Requer a presença e o envolvimento da pessoa.

Lucas acrescenta outro detalhe. Ele apresenta Pedro como o primeiro homem a entrar nesse clima de fascínio motivado pela ressurreição. No meio do descrédito geral que os discípulos conferem ao relato das mulheres, Pedro de um salto coloca-se de pé, corre para o túmulo, inclina-se

para olhar lá dentro e vê somente alguns lençóis. Não havia mais nada. Ele então sai confuso, balançando a cabeça. É óbvio que não estamos diante de algo que, conforme costumamos dizer, “faz sentido”. E até agora ninguém havia conseguido entender nada daquilo.

Há principalmente duas maneiras de lidar com a realidade: mediante a compreensão e mediante o uso. Mediante a compreensão, pega-se um novo elemento que nos chega pela informação ou pela experiência e tenta-se fazer sentido daquilo, encaixando-o em todas as outras coisas que já conhecemos. Mediante o uso, testamos a nova experiência ou informação segundo as rotinas e regras do que pode ou deve ser feito. Mas essa ressurreição não respeita nenhuma dessas maneiras de lidar com a realidade. Tanto a compreensão quanto o uso são descartados pelo fascínio, pela perplexidade, pelo espanto — primeiro no caso das mulheres e depois no caso de Pedro, que, a exemplo delas, também se encontrava totalmente desorientado.

UM DETALHE REVELADOR

João, como de costume, faz algo bem diferente dos outros evangelistas (veja 20:1-19) e eleva o grau do fascínio motivado pela ressurreição. Ele começa com Maria Madalena, que chega ao túmulo no domingo no final da madrugada e não entende nada do que vê. Ela descobre que o túmulo está vazio e logo tira a conclusão mais óbvia numa situação daquelas — roubo. Ladrões de sepultura. Naqueles dias, os roubos praticados em sepulturas eram um problema tão sério e tão comum, que as autoridades do Império

Romano foram obrigadas a promulgar um decreto para tentar impedir que essa prática continuasse.¹ Parece que Maria não tinha perdido a capacidade de perceber a realidade. Ela foi plenamente capaz de olhar para os indícios e chegar a uma conclusão lógica. Por que outro motivo o túmulo estaria vazio?

Então Maria sai correndo para contar tudo a Pedro e ao “outro discípulo” — que julgamos ser João (v. 3). Na mesma hora, os dois saem em disparada para o túmulo. Eles entram no túmulo (pelo que parece, Maria não havia entrado) e descobrem que o lugar está mesmo vazio, mas tiram uma conclusão bem diferente da conclusão de Maria. A conclusão a que os dois chegam é ressurreição.

Como foi que eles concluíram isso? João reparou num detalhe que não podia deixar de ser notado, um detalhe muito revelador. O lenço que havia sido usado para cobrir a cabeça de Jesus não estava com o restante dos panos que envolveram o seu corpo, mas, conforme ele mesmo descreve, estava “à parte e dobrado com cuidado” (v. 7, MSG). Com a inteligência de um detetive, João deduz que roubo era algo que estava fora de cogitação. Ladrões de sepultura não teriam tirado os panos que envolviam o corpo. Mesmo que o fizessem por crueldade, é difícil imaginar que perderiam tempo dobrando um lenço com cuidado e colocando-o à parte. João mantém a cabeça fria no meio da emoção daquela hora e, diante da força de uma única evidência (o lenço dobrado com cuidado), consegue chegar à

¹ Raymond BROWN. *The Gospel According to John, xii-xxi*. Garden City, New York: Doubleday & Company, 1970, p. 985.

verdade. Ressurreição. E é pensando nisso que Pedro e João saem do túmulo.

RABONI!

O autor do evangelho volta a atenção novamente para Maria. Depois de dar seu recado aos discípulos — recado que os fez sair em disparada naquela corrida na manhã da ressurreição —, Maria volta ao túmulo, ainda achando que o corpo de Jesus havia sido roubado. Ela fica do lado de fora, transtornada e chorando de tristeza. Então, abaixando-se para olhar dentro do túmulo, ela vê dois anjos. Com afeição, eles lhe perguntam sobre a razão do choro. Ela lhes explica a razão e em seguida se vira. Ainda dentro de seu campo de visão periférica, repara na figura de um homem, não o reconhece e supõe ser o jardineiro. O homem lhe faz a mesma pergunta que os anjos haviam feito, e ela lhe dá a mesma resposta. Então, ele pronuncia seu nome: “Maria” (v. 16).

Ela se volta para olhar para ele, e a visão embaçada pelas lágrimas se torna nítida. Ela enxerga Jesus e responde: “Raboni!” — Mestre (v. 16). O termo *Raboni* denota a mistura de uma profunda reverência pela pessoa (um rabino) com uma intimidade afetiva (provavelmente algo próximo de “meu Mestre querido!”).²

O quarto evangelho apresenta a primeira cena da ressurreição de Jesus com algumas diferenças em relação aos três primeiros, mas o fascínio que ele transmite não é menor.

² Raymond BROWN. *The Gospel According to John*, p. 991.

Além de Pedro, mencionado de passagem por Lucas, outro homem aparece em cena: “o discípulo a quem Jesus amava” (21:20) — o discípulo amado, que julgamos ser João. Cada um dos dois vive a própria história. Ambos vivem uma história que decorre da ação de Maria Madalena, que primeiro sai correndo do túmulo para disparar o alarme e depois volta para lá chorando, desconsolada com sua perda. O alarme que ela dispara é o que provoca a corrida de Pedro e João, corrida que conduz ao primeiro pensamento sólido sobre a ressurreição. Depois dessa corrida, as lágrimas de Maria nos colocam diante de uma troca afetiva de cumprimentos que revelam a certeza da ressurreição: “Maria ... Raboni — meu Mestre querido!”.

NÃO EXISTE DIPLOMA DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL

À medida que lemos os quatro relatos da ressurreição e neles meditamos, o sentimento de fascínio vai se acumulando dentro de nós. As quatro histórias são lacônicas, compactas e narradas com economia de detalhes. Aqui não há espaço para nada complexo. Mas neste solo de austeridade na narrativa nascem alguns elementos, e eles são importantes quando refletimos sobre nossa formação-via-ressurreição.

Em primeiro lugar, por mais que nos séculos anteriores tenha havido pistas, dicas e sinais da ressurreição em meio à vida hebraica, do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, quando ela aconteceu, todos os que estavam próximos dessa realidade e mais bem preparados não tinham a menor consciência dela. Acho isso importante. Nunca estamos em condições

de saber muita coisa sobre a formação-via-ressurreição. Não é algo que se compare ao que nos é conhecido nem que venha em decorrência de algum conhecimento — quer seja, por exemplo, pelo desenvolvimento psicológico, quer seja pela metafísica moral.

Em segundo lugar, é óbvio que ninguém fez nada para se preparar para o que realmente aconteceu. Não é algo que estava dentro de uma disposição baseada em expectativas. Os dois grupos religiosos da época que mais estavam trabalhando no preparo do solo messiânico e da ressurreição — os fariseus e os essênios — foram justamente os que estavam olhando para a direção contrária e não entenderam nada do que aconteceu. Nesse assunto, todos são meros iniciantes. Não há especialistas.

Isso nos deixa mais do que desconcertados quando olhamos para o cuidado com que costumamos organizar, planejar e preparar coisas grandes e importantes. Não existe diploma de formação espiritual. Não temos muito controle sobre nada disso, se é que temos algum.

Em terceiro lugar, as pessoas marginalizadas pela cultura — nesse caso, as mulheres — desempenham um papel de destaque por causa de sua percepção e da forma como reagem. Mesmo que líderes importantes como Pedro e João não fiquem de fora, Maria Madalena — talvez a mais marginalizada entre os primeiros seguidores de Jesus — é a principal testemunha da ressurreição e só ela aparece no relato dos quatro evangelhos. A única informação que temos sobre Maria Madalena antes de sua decisão de seguir Jesus é que ela tinha “sete demônios” e havia sido libertada deles.

Os “sete demônios” podem ser uma referência a uma vida moral completamente desregrada ou a um tipo de doença mental grave. Quer ela tivesse um ou ambos os problemas antes de conhecer Jesus, a questão é que isso, aliado ao fato de ser mulher numa sociedade patriarcal, fazia que ela fosse radicalmente marginalizada.

Isso nos deixa mais do que desconcertados quando olhamos para a importância que conferimos ao apoio de pessoas famosas em nossa sociedade. É bem provável que os homens e mulheres mais valorosos para nossa formação espiritual pela via da ressurreição sejam pessoas que estão à margem da respeitabilidade: os pobres, as minorias, os que sofrem, os rejeitados, os poetas e as crianças.

Em quarto lugar, a ressurreição foi algo discreto que aconteceu num lugar silencioso sem publicidade nem observadores. É claro que houve muita energia, muita emoção (lágrimas, corridas, perplexidade, desorientação e alegria), mas nada chamou a atenção dos que estavam de fora. (O terremoto mencionado por Mateus é em parte uma exceção. Mas os únicos que ficaram sabendo dele ou foram atingidos por seus efeitos foram os soldados romanos, que ficaram ali “anestesiados”.)

Quando era moço, eu costumava tocar trompete. No estado de Montana, onde cresci, a Páscoa sempre acontecia sob os últimos efeitos do inverno. Todo domingo de Páscoa, eu me levantava às cinco, cinco e meia, seis horas para ir ao culto da ressurreição. Todo mundo queria ouvir alguém tocar trompete na Páscoa. Com os lábios amortecidos pela boquilha congelada, eu ficava tocando e desafinando em

alguma colina da cidade. Mas o que importava é que isso fazia barulho. Se algo é importante, a gente faz que o mundo todo saiba dessa importância. É claro que não foi do texto dos evangelhos que a minha igreja tirou essa idéia.

Por causa do nosso costume de cercar eventos importantes com muita publicidade para chamar a atenção e por causa da importância que a ressurreição tem para o evangelho, isso é algo que nos deixa muito surpresos. Luzes brilhantes e som amplificado não fazem parte dos acessórios para a formação espiritual.

O ENCONTRO COM O “ALGO MAIS”

O quinto elemento é o medo, o temor. Medo é a reação mais mencionada no contexto da ressurreição — seis vezes nos quatro relatos. Temos medo quando somos pegos de surpresa, desprevenidos, e não sabemos o que fazer. Temos medo quando nossas idéias e conceitos não servem mais para explicar o que está diante de nós, e ficamos sem saber o que vai nos acontecer. Temos medo quando a realidade, sem aviso prévio, mostra-nos que ela é mais do que pensávamos.

Mas as seis referências ao medo aparecem dentro da tradição de contos na cultura e nas Escrituras hebraicas, e nesse contexto a palavra *medo* ou *temor* é empregada de uma forma que lhe dá um sentido muito mais amplo do que simplesmente ficar apavorado. Assim, a palavra *inclui* todas as emoções que surgem quando se fica apavorado — desorientação, incapacidade de saber o que vai acontecer

em seguida e a constatação de que existe algo mais que não pensávamos existir. Mas esse “algo mais” é Deus.

O temor do Senhor é a expressão bíblica mais comum que traduz a percepção repentina ou gradual que a presença ou revelação de Deus introduz na nossa vida. Não somos o centro da nossa existência. Não somos a soma de tudo o que importa. Não sabemos o que está para acontecer em seguida.

O temor do Senhor deixa-nos em estado de alerta, de olhos bem abertos. Alguma coisa está acontecendo, e não queremos perder nada. O temor do Senhor é o que nos impede de pensar que sabemos todas as coisas. E, portanto, impede que fechemos nossa mente e nossa capacidade de perceber o que é novo. O temor do Senhor impede que nos comportemos com arrogância, destruindo ou violando algum aspecto do que é belo, verdadeiro ou bom e que nos passa despercebido ou fica acima da nossa capacidade de compreensão.

O temor do Senhor é medo sem o elemento do pavor. Por isso, ele muitas vezes vem acompanhado por uma palavra tranquilizadora: “Não temas”. Mas esse “não temas” não é alguma coisa que acarreta ausência de medo, mas ele transforma o medo em temor do Senhor. Continuamos sem saber o que está acontecendo. Continuamos sem o controle da situação. Continuamos mergulhados num mistério profundo.

Nas histórias da ressurreição relatadas nas Escrituras, há seis ocorrências de palavras que derivam de *medo*, *temor*. Em duas ocorrências, o que se exprime é a sensação de

terror: os soldados romanos diante do anjo que reluzia no túmulo vazio (veja Mt 28:4) e, mais tarde, as mulheres que, confusas, saíram correndo do mesmo túmulo (veja Mc 16:8). Em três ocorrências, o medo é amenizado por uma palavra que tranqüiliza. Lucas relata que, na presença do anjo no túmulo, as mulheres se assustaram, mas foram logo tranqüilizadas (veja 24:5). Em Mateus, primeiro o anjo e depois Jesus dizem às mulheres: “Não temais” (28:5, 10). Entre essas duas ocorrências em Mateus, a palavra aparece transmitindo um sentimento de alegria reverente (veja 28:8).

Temor é acompanhado por várias outras palavras que evocam a sensação de fascínio — *surpreendidas* (Mc 16:5), *tremendo e assustadas* (Mc 16:8, NVI), *perplexas* (Lc 24:4, NVI), *amedrontadas* (Lc 24:5, NVI) e *admirado* (Lc 24:12, NVI). Na referência de Mateus, a mesma palavra *medo* é usada com sentidos diferentes, mas sem deixar o leitor confuso, e a clareza se deve ao contexto: “Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: “Não tenham medo!” (28:4-5, NVI).

ONDE SE ERRA NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL

A formação espiritual é algo que acontece na atmosfera da ressurreição, no ambiente desse “algo mais”, em que precisamos cultivar reações de reverência e temor, para não correr o risco de perder a própria essência do que está acontecendo. Na linguagem que usamos para nos referir à formação espiritual na vida cristã, há muita superficialidade